

Indicações bibliográficas

Em português: Chierchia (2003, cap. 4), Pires de Oliveira (2001, cap. 2), Miller e Viotri (2001), Ilari e Gerdali (1987, cap. 4).
 Em inglês: Saeed (1997, caps. 3 e 4), Chierchia e McConnell-Ginet (1990, cap. 1), Cruse (1986, caps. 4 e 6), Hurford e Heselby (1983, cap. 3), Kempson (1977, cap. 3) e Lyons (1977, cap. 7 e 9).

Notas

- 1 Estou me referindo aqui apenas à noção de pressuposição lógica ou semântica; na literatura pragmática encontram-se outras noções de pressuposição das quais não tratei neste livro.
- 2 A notação [+...] e [-...] é usada para indicar que aquela propriedade é existente ou não no item lexical. Por exemplo, quando indico que *cachorro*: [+animal], estou me referindo ao fato de que a palavra *cachorro* contém a propriedade de ser animal; poderia afirmar, também, que *cachorro*: [-humano], pois a propriedade de ser humano não está presente no item lexical *cachorro*.
- 3 A diferença entre (3) e (5) é gerada pela natureza relacional do adjetivo *alto*. Um objeto é de madeira ou não é. Entretanto, a noção de *alto* é relativa àquilo que o adjetivo está se referindo. Os jogadores de basquete são altos; de uma maneira geral, se os compararmos a outros indivíduos. Mas, quando nos referimos a jogadores de basquete, 1,80m é ser alto em geral, mas não é alto para um jogador de basquete; a média de altura de jogadores de basquete é de 1,90m – logo, um jogador de basquete de 1,80m não é um jogador de basquete alto. O que acontece com o exemplo em (5) é que o adjetivo *alto*, usado em (a), está se referindo aos indivíduos em geral e, em (b), está se referindo aos jogadores de basquete. Por isso, o conteúdo de (5b) não está contido, necessariamente, em (5a).
- 4 Veja que podemos usar uma ou outra definição, pois todas têm o mesmo sentido. O que veremos é que, metodologicamente, para estabelecer o acartamentos, às vezes é mais fácil empregar determinada definição.
- 5 Duas sentenças são contraditórias quando elas estiverem descrevendo situações que são impossíveis de ocorrer simultaneamente no mundo.
- 6 Os exemplos e os exercícios apresentados neste capítulo, sobre acartamentos e pressuposições, são tirados ou adaptados de Cancado (1999), Ilari e Gerdali (1987) ou traduzidos e adaptados de Chierchia e McConnell-Ginet (1990), Hurford e Heselby (1983) e Saeed (1997).
- 7 A pressuposição é tratada pela literatura sob diferentes perspectivas. Existem autores que a concebem dentro da abordagem referencial, como está sendo aqui tratada (Chierchia e McConnell-Ginet, 1990; Chierchia, 2003; Lyons, 1977; Kempson, 1977; entre outros); outros que as dividem em pressuposições semânticas e pressuposições pragmáticas (Leech, 1981); e outros que as concebem somente como relações pragmáticas (Stalnaker, 1974; Lewis, 1979; e Speiser, 1995).
- 8 É bom realçar que os termos *tomar como verdade* e *pressupor*, na linguagem cotidiana, são usados no mesmo sentido – *Para falar aquilo, Maria tomou como verdade* pressupôs que sua amiga conhecia o homem. Na concepção semântica da pressuposição, essas duas noções são distintas, sendo a primeira uma condição necessária para a segunda. Ou seja, para que haja a pressuposição, é necessário que todas as quatro formas da sentença – afirmativa, negativa, interrogativa e condicional – tomem como verdade um determinado conteúdo. Logo, aqui, a definição de Chierchia e McConnell-Ginet (1990). Muitos autores assumem que é necessário somente que as formas afirmativa e negativa da sentença (a) tomem (b) como verdade.
- 9 Por razões óbvias, a relação de pressuposição pode ser estabelecida a partir de qualquer uma das quatro formas da família da sentença (a), e não somente a partir da afirmativa.
- 10 A interrogativa e a condicional podem ser feitas a partir da afirmativa ou da negativa; as duas formas funcionarão da mesma maneira.
- 11 Estou situando as sentenças, exatamente, para mostrar que, quando existe uma relação de contradição entre duas sentenças, não existe situação possível no mundo em que essas sentenças ocorram. Veja que (24a) e a negação de (24b) não são contraditórias, pois existem situações no mundo em que é possível a ocorrência das duas sentenças simultaneamente; portanto, não existe relação de acartamento entre (24a) e (24b). Não confundida esse teste com a ideia de que o acartamento e a contradição são noções associadas ao uso da língua.
- 12 Fique atento para a negação de (24b): a negação incide sobre o quantificador *algum* e, portanto, temos *Ninguém tirou nota boa*. Veja que *Algum não tirou nota boa* não é uma negação da sentença *Algum tirou nota boa*; o que existe entre as duas sentenças é uma relação de implicatura conversacional.
- 13 “Clivagem é um termo usado na descrição gramatical com referência a uma construção denominada oração clivada: trata-se de uma única oração dividida em duas partes, cada uma com um verbo” (Cysal, 1985: 49).
- 14 Repare que *tomar alguma coisa como verdade* não significa, necessariamente, que essa coisa seja verdade no mundo. Esse exercício é baseado em Ilari (2001).

Outras propriedades semânticas

Sinonímia e paráfrase

Neste capítulo, continuaremos a estudar algumas propriedades semânticas sob uma perspectiva referencial, isto é, vamos nos valer de noções como referência no mundo e valor de verdade das sentenças para tratar de alguns fenômenos do significado. A primeira propriedade a ser investigada será a sinonímia. A sinonímia lexical ocorre entre pares de palavras e expressões; entretanto, definir exatamente essa relação é uma questão complexa, que vem perseguindo estudiosos da linguagem há séculos. Uma primeira definição poderia ser: sinonímia é identidade de significados. Mas afirmar apenas isso não basta, pois é uma afirmação muito ampla e que exige um certo refinamento. Vejamos algumas observações. Seguindo Ilari e Gerdali (1987), podemos primeiro refletir que, para duas expressões serem sinônimas, não basta que tenham a mesma referência no mundo. Veja o exemplo:

- (1) a. os alunos de Educação Física da UFMG
 b. os alunos mais fortes da UFMG

Se eu disser que os alunos de Educação Física da UFMG são os alunos mais fortes da UFMG, eu estou me referindo a um mesmo grupo de pessoas no mundo; entretanto, isso não basta para dizer que as expressões em (1) sejam sinônimas, pois não têm o mesmo sentido, ou seja, não denotam as mesmas propriedades no mundo. Então, um primeiro ponto a ser salientado é que ter somente a mesma referência não é uma condição suficiente para que haja sinonímia. Além de terem a mesma referência, é necessário, também, que as expressões tenham o mesmo sentido. Mas o que significa ter o mesmo sentido? Assume-se que saber o sentido de uma sentença é ser capaz, em determinadas circunstâncias, de dizer se ela é verdadeira ou falsa. Duas sentenças que

têm o mesmo sentido, quando se referem ao mesmo conjunto de fatos no mundo, têm de ser ambas verdadeiras, ou ambas falsas. Transpondo essa noção de sentido da sentença para o sentido da palavra ou expressão, Ilari e Geraldí (1987: 44-5) afirmam que “podemos dizer que duas palavras são sinônimas sempre que podem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem que a frase passe de falsa a verdadeira, ou vice-versa”. Vejamos um exemplo, adaptado de Ilari e Geraldí:

- (2) a. Toda menina sonha virar mulher um dia.
b. Toda garota sonha virar mulher um dia.

Podemos dizer tanto de (a) quanto de (b) que não alteramos a verdade ou a falsidade das sentenças. Isso decorre do fato de que as palavras *menina* e *garota* têm o mesmo sentido e referência nas sentenças. Entretanto, apesar de uma primeira impressão nos levar a concluir que as palavras *menina* e *garota* são sinônimas, podemos achar um determinado contexto em que isso não se sustenta:

- (3) a. A Maria não se irrita quando a chamam de menina, mas não suporta ser chamada de garota.
b. A Maria não se irrita quando a chamam de garota, mas não suporta ser chamada de menina.

Se trocarmos as palavras *menina* e *garota* em (3), alteraremos os sentidos e as referências das duas sentenças e, conseqüentemente, a verdade ou a falsidade da sentença em (3a) passa a ser diferente da sentença em (3b); portanto, não podemos considerar as palavras *menina* e *garota* sinônimas no contexto de (3).

Com os exemplos, percebemos que não é possível pensar em sinonímia de palavras fora do contexto em que estas são empregadas. Ainda, na maioria dos casos, pode-se dizer apenas que existe uma sinonímia baseada somente no significado conceitual da palavra, sem se levar em conta o estilo, as associações sociais ou dialetais, ou mesmo os registros. As palavras *bandido* e *meliante*, por exemplo, podem ser intercambiáveis em determinados contextos, porém, provavelmente, a segunda ocorrência será mais usada por um policial e a primeira tem um uso corrente. Segundo Cruse (1986), é impossível se falar em sinônimos perfeitos; só faz sentido se falar em sinonímia gradual, ou seja, as palavras, mesmo consideradas sinônimas, sempre sofrem um tipo de especialização de sentido ou de uso.

Passemos agora para a noção de sinonímia entre sentenças, também chamada de paráfrase. A noção de uma sentença ser sinônima ou paráfrase de outra é uma questão tão complexa quanto a sinonímia entre palavras e expressões. Se o conteúdo explícito ou o significado informacional é o que interessa, então as sentenças a seguir podem

ser aceitas como sinônimas (adotarei o nome de sinonímia, mesmo para sentenças, seguindo Chierchia e McConnell-Ginet, 1990):

- (4) a. Aquelas mulheres do canto estão chamando.
b. Aquelas senhoras do canto estão chamando.
c. Aquelas damas do canto estão chamando.

Imaginemos que o gerente de um restaurante tenha dito a sentença (4a) para um garçom, que não a escutou bem, e que pergunta ao seu colega o que foi que o gerente lhe disse. O colega lhe responde: “Ele disse que...”. A escolha entre qualquer das outras duas sentenças não faria diferença. Acreditado que, na situação proposta, não há diferença em se empregar uma das três sentenças anteriores e que os falantes do português brasileiro concordarão que elas têm o mesmo conteúdo ou se equivalem semanticamente. A noção de sinonímia envolvida aqui é a que Chierchia e McConnell-Ginet (1990) chamam de sinonímia de conteúdo e que pode ser definida como:

- (5) A sentença (a) é sinônimo de conteúdo da sentença (b), quando (a) acarretar (b) e (b) acarretar (a).

Uma sinonímia de conteúdo requer somente que as sentenças (a) e (b) sejam verdadeiras, exatamente nas mesmas circunstâncias.

Entretanto, assim como para a sinonímia entre palavras, existe uma outra perspectiva em que os falantes julgam que as sentenças em (4) têm diferentes significados e que, portanto, não são totalmente sinônimas. Escolhendo uma e não a outra sentença, os falantes podem estar passando alguma informação importante sobre atitudes em relação à situação e sobre os envolvidos nela. Essas diferenças são tradicionalmente conhecidas como conotação. Imaginemos agora que o colega tenha escolhido a sentença (4c), para se referir às mulheres da mesa do canto; por acaso, uma delas escuta e não gosta do emprego da palavra *damas*. Ela faz uma reclamação ao gerente e o garçom pode se encontrar em apuros. Nesse caso, vemos que as sentenças em (4) não são totalmente sinônimas e a palavra *damas* teve uma conotação diferente para a cliente.

Vejamos outros exemplos em que se nota essa diferença de perspectiva. As sentenças ativas e passivas, em geral, são consideradas como exemplos de sentenças sinônimas:

- (6) a. Todo mundo nesta sala fala duas línguas.
b. Duas línguas são faladas por todo mundo nesta sala.
(7) a. A polícia procura a Sara.
b. A Sara é procurada pela polícia.

Muitos poderiam dizer que (6) e (7) são pares de sentenças sinônimas. Entretanto, em (6), por exemplo, não há um consenso se as duas sentenças têm exatamente os mesmos acarretamentos. É provável que (6a) tenha duas interpretações: existem duas línguas e todos falam essas duas; e, em outra interpretação, cada um fala duas línguas diferentes. E (6b), provavelmente, acarreta somente a primeira versão: existem duas línguas que todos falam. Assim, não poderíamos analisar as duas sentenças como exemplo de acarretamento mútuo, que é a condição para que haja sinonímia entre sentenças, pois (6a) contém mais informações que (6b). Além disso, ainda podemos levar em conta que a escolha do tópico da sentença também altera a informação passada: a escolha de perspectiva por um falante nunca é ingênua e sem significação. Existe a opção de se colocar em evidência alguma coisa, de se esconder alguma coisa etc. Em (7), apesar de podermos afirmar que existe um acarretamento mútuo entre (a) e (b), mesmo assim parece que temos uma interpretação preferencial em que (b) quer dizer que Sara é uma criminosa, enquanto (a) parece sugerir que Sara está apenas desaparecida.

Existe, ainda, outra maneira em que sentenças aparentemente sinônimas podem ter diferenças de significado: é a questão da entonação e do foco.¹ Por exemplo, nas sentenças a seguir, a resposta adequada para a pergunta entre parênteses vai depender da expressão em que o falante coloca o foco:

- (8) a. A MARIA bateu o bolo. (Quem bateu o bolo?)
b. A Maria bateu o bolo. (O que a Maria bateu?)

Portanto, novamente chegamos à conclusão de que, mesmo entre sentenças, a sinonímia perfeita não existe. Isso se procurarmos duas sentenças idênticas em termos de estrutura sintática, de entonação, de sugestões, de possibilidades metafóricas e até mesmo de estruturas fonéticas e fonológicas. Se esperarmos encontrar a sinonímia nessas circunstâncias, então não é com surpresa que poderemos afirmar que esta não existe.

Por outro lado, algum tipo de sinonímia tem de ser levado em conta. Como poderíamos fazer traduções ou recontar histórias que nos foram contadas, por exemplo? Alguns tipos de equivalência semântica entre palavras e sentenças tem que ser tomada como base para se fazer operações linguísticas dessa natureza. A proposta é que tomemos o acarretamento mútuo, ou seja, somente o conteúdo semântico das sentenças, como sendo essa noção básica para o que quer que seja a relação de sinonímia. É o acarretamento mútuo que garante a possibilidade de se fazerem traduções de uma língua para outra, ou para se recontarem histórias, entre outras atividades. Evidentemente, mesmo para traduções ou paráfrases de textos, algo mais é necessário do que somente a sinonímia de conteúdo, mas garantir o acarretamento mútuo entre as sentenças dessas operações linguísticas é, sem dúvida, o ponto de partida.

Exercícios

1. Diga se as sentenças seguintes são exemplos de sinonímias de conteúdo. Justifique sua resposta pela definição estudada e faça os comentários pertinentes em relação ao uso desses exemplos na língua:
 - 1) a. A Maria não está viva.
b. A Maria está morta.
 - 2) a. O João é casado.
b. O João não é solteiro.
 - 3) a. O Carlos é o pai do André.
b. O André é o filho do Carlos.
 - 4) a. O único país da América que tem o português como língua é uma república.
b. O único país que fala português na América é uma república.
 - 5) a. Aquela pessoa é muito esperta.
b. Aquela indivíduo é muito esperto.
 - 6) a. A Maria falou que o André saiu.
b. A Maria disse que o André saiu.
 - 7) a. Todos os trabalhadores dessa empresa recebem dois benefícios.
b. Dois benefícios são recebidos por todos os trabalhadores dessa empresa.
 - 8) a. Aquela menina é muito tagarela.
b. Aquela menina é muito faladora.
 - 9) a. A Maria é linda.
b. A Maria é muito bonita.
 - 10) a. O Pedro trabalha comigo.
b. Eu trabalho com o Pedro.
 - 11) a. O João quebrou o vaso.
b. O vaso foi quebrado pelo João.
 - 12) a. A Maria está muito bonita hoje.
b. Que bonita está a Maria hoje.
c. Hoje, a Maria está bonita.
 - 13) a. Eu comi um CHOCOLATE.
b. EU comi um chocolate.
 - 14) a. A gente quer a liberdade.
b. Nós almejamos a liberdade.
 - 15) a. Os velhos não são respeitados neste país.
b. Os idosos não são respeitados neste país.

Antonímia e contradição

Geralmente, define-se antonímia como sendo uma oposição de sentidos entre as palavras. Entretanto, apenas essa definição não é suficiente, visto que os sentidos das palavras podem se opor de várias formas, ou mesmo que existem palavras que nem têm um oposto verdadeiro. Por exemplo, *quente* não faz oposição a *frio* de uma mesma maneira que *vender* opõe-se a *comprar*; ou *alto* não faz oposição a *baixo* de uma mesma maneira que *morto* opõe-se a *vivo*. Por isso, seguindo Hurford e Heasley (1983), não falarei simplesmente de oposição de sentidos, mas tentarei delimitar alguns tipos de oposição existentes, assumindo três tipos básicos de antonímia. Um primeiro tipo é a antonímia binária ou complementar. Antônimos binários são pares de palavras que, quando uma é aplicada, a outra necessariamente não pode ser aplicada. Em outras palavras, a negação de uma implica na afirmação da outra. Por exemplo:

- (9) a. morto/vivo
b. móvel/imóvel
c. igual/diferente

Quando dizemos que alguém está morto, necessariamente este alguém não está vivo, e vice-versa. Se algo está móvel, necessariamente ele não pode estar imóvel, e vice-versa. Por fim, se duas coisas são iguais, elas não podem ser diferentes, necessariamente, e vice-versa.

Um segundo tipo de antônimo é chamado de inverso. Quando uma palavra descreve a relação entre duas coisas ou pessoas e uma outra palavra descreve essa mesma relação, mas em uma ordem inversa, tem-se, então, o antônimo inverso. Exemplos dessa relação são:

- (10) a. pai/filho
b. menor que/maior que

Se X é pai de Y, então Y é filho de X; temos a mesma relação em ordem inversa. O mesmo se dá em (b): se X é menor que Y, então Y é maior que X.

Um terceiro tipo é o gradativo. Duas palavras são antônimas gradativas quando estão nos terminais opostos de uma escala contínua de valores. Note que a negação de um termo não implica a afirmação do outro. Ainda, uma escala geralmente varia de acordo com o contexto usado. Vejamos um exemplo:

- (11) a. quente/frio
b. alto/baixo

Entre *quente* e *frio*, certamente, teremos uma escala como *morno* etc. Entre *alto* e *baixo*, teremos o *médio* etc. Como realcei anteriormente, a negação de uma não implica a afirmação da outra. Veja que se uma coisa não é quente, não implica que esta seja fria; ela pode ser morna. Se alguém não é alto, não implica que ele seja baixo. Também termos desse tipo dependem do contexto. Uma temperatura quente no Alasca pode ser fria no Brasil; o que pode ser uma pessoa alta para os pigmeus pode ser uma pessoa baixa para nós. Essa relação gradativa é, tipicamente, associada a adjetivos. Em geral, um teste para percebermos a gradação nas palavras, como nesse caso de antonímia, é verificar se essas palavras combinam com expressões do tipo *meio*, *um pouco*, *muito* etc. Por exemplo, temos a expressão *meio quente* ou *muito alto*, mas não temos *um pouco pai*, *meio móvel* etc.

Estendendo a ideia mais geral de antonímia, ou seja, a oposição de sentidos para as sentenças, temos o que se chama de contradição. Entretanto, a contradição não se comporta exatamente como a antonímia no que diz respeito à sua classificação. Muitas vezes, temos até mesmo a antonímia entre palavras de determinadas sentenças, mas não ocorre a contradição entre essas mesmas sentenças. Vejamos, pois, do que se trata a contradição.

A contradição está intimamente ligada à noção de acarretamento, como já vimos no capítulo "Implicações". Quando dizemos que "*O João beijou a Maria* acarreta *A Maria foi beijada pelo João*", fomos guiados pelo julgamento de que, em (12), a conjunção de (a) com a negação de (b) é contraditória:

- (12) #O João beijou a Maria, mas a Maria não foi beijada pelo João.²

O que significa dizer que (12) é contraditório? Significa que os dois fatos descritos pela sentença (12) não podem se realizar ao mesmo tempo e nem nas mesmas circunstâncias no mundo. Temos, então, a definição:

- (13) A sentença (a) é contraditória quando (a) nunca puder ser verdadeira; ou quando não existir uma situação possível no mundo descrita por (a).

A contradição também pode ser pensada como uma relação entre sentenças. Se eu digo, de uma mesma mesa, as seguintes sentenças:

- (14) a. Esta mesa é quadrada.
b. Esta mesa é redonda.

posso afirmar que as sentenças em (14) são contraditórias; e teremos a seguinte definição, segundo Chierchia e McConnell-Ginet (1990):

(15) As sentenças (a) e (b) são contraditórias quando:

- (a) e (b) não puderem ser verdadeiras ao mesmo tempo; se (a) for verdade, (b) é falsa; e quando (b) for verdade, (a) é falsa;
- =
- a situação descrita pela sentença (a) não pode ser a mesma situação descrita pela sentença (b).

A contradição, assim como a antonímia, pode ocorrer de várias maneiras. Muitas vezes, é a presença de palavras antônimas, existentes nas sentenças, que desencadeia as ideias contraditórias. Por exemplo, a antonímia binária, em que a utilização de uma palavra implica a impossibilidade da utilização de outra, pode desencadear uma relação de contradição nas sentenças:

(16) a. #O João é casado e descasado.

b. #Essa moça que está calada está falando.

Quando se tem o antônimo gradativo, ou seja, palavras que estão em terminais opostos de uma escala em uma mesma sentença, também podemos ter uma relação de contradição:

(17) a. #O dia está quente e está frio.

b. #O homem é alto e pequeno.

Em antônimos inversos, se fixarmos o mesmo referente, igualmente podemos ter o desencadeamento de uma contradição:

(18) a. #Este homem é pai do José, mas também é filho do José.

b. #O João é maior que a Maria e menor que a Maria.

Entretanto, não é só a antonímia de itens lexicais que desencadeia uma relação de contradição. Um exemplo seria a utilização da negação de uma afirmação anterior:

(19) a. #A Maria viajou, mas a Maria não viajou.

b. #O João está vivo, mas não está vivo.

Outra maneira de expressar a contradição, sem usar antonímias, é negar uma das propriedades semânticas contidas em um item lexical:

(20) a. #Meu irmão mora em Paris, mas meu irmão nunca esteve em Paris.

b. #Eu viajei de avião, mas nunca andei de avião.

Ou seja, quem mora já esteve, e quem viajou de algum meio de transporte já andou desse meio; se negarmos essas propriedades, estaremos sendo contraditórios. Também não é sempre que ocorre a antonímia que teremos sentenças contraditórias. As situações descritas a seguir são perfeitamente possíveis de ocorrer no mundo, apesar de os pares de sentenças conterem antônimos:

(21) Eu encontrei um rato morto no banheiro e encontrei um rato vivo no banheiro.

(22) Algumas pessoas amam o Brasil, mas algumas pessoas detestam o Brasil.

(23) João comprou três animais machos como bichinhos de estimação e comprou três animais fêmeas como bichinhos de estimação.

A utilização da quantificação através dos itens *um*, *algumas* e *três* faz alternar os referentes dos sintagmas nas sentenças (21), (22) e (23), possibilitando a utilização dos pares antônimos. Também a utilização de antônimos inversos nem sempre gera uma contradição:

(24) O João comprou a casa e o João vendeu a casa.

(25) O João é pai do José e o filho do Antônio.

Vale realçar que a contradição, apesar de exprimir situações impossíveis de ocorrer simultaneamente no mundo, é muito utilizada na linguagem como um instrumento do discurso: o que é contraditório serve para passar alguma informação extrassentencial, isto é, podemos inferir, pragmaticamente, informações além das que estão explícitas na sentença.³ São perfeitamente interpretáveis sentenças como:

(26) – Esse aluno é inteligente?

– Ele é e não é.

Acredito que a maior parte dos ouvintes entenderia a contradição anterior como: o aluno é inteligente em algumas coisas, mas em outras, não. Essa possibilidade tem relação com a imprecisão semântica, ou natureza relacional, de itens lexicais tais como: *inteligente*, *grande*, *bonito* etc. A contradição pode ser ainda um rico instrumento para textos literários e poéticos.

EXERCÍCIOS

1. Identifique o tipo de antonímia que se encontra nos pares de palavras a seguir:

- 1) amor/ódio
- 2) adulto/criança

- 3) grosso/fino
- 4) preto/branco
- 5) solteiro/casado
- 6) em cima/embaixo
- 7) avô/neto
- 8) comprar/vender
- 9) grande/pequeno
- 10) melhor que/pior que
- 11) cachorro/cadela
- 12) fácil/difícil
- 13) macho/fêmea
- 14) urbano/rural
- 15) bom/ruim

II. Verifique se os pares de sentenças seguintes são contraditórios (assuma a mesma referência nos pares) e o que está gerando a contradição:

- 1) a. O Paulo está alegre.
b. O Paulo está triste.
- 2) a. O Paulo não gosta de futebol.
b. O Paulo vai ao campo de futebol.
- 3) a. A Maria é mãe da Rosa.
b. A Rosa não é filha da Maria.
- 4) a. A mesa daquele canto é toda de madeira.
b. A mesa daquele canto é toda de ferro.
- 5) a. O quarto 202 é em cima do 102.
b. O quarto 102 é embaixo do 202.
- 6) a. As pessoas saudáveis moram no campo.
b. As pessoas saudáveis moram na cidade.
- 7) a. Algumas pessoas saudáveis moram no campo.
b. Algumas pessoas saudáveis moram na cidade.
- 8) a. A Maria é casada com o João.
b. O João é viúvo.
- 9) a. O Paulo é o irmão mais velho do Pedro.
b. O Pedro é filho único.
- 10) a. O João gosta muito de dormir.
b. O João acorda cedo todos os dias.

III. Aponte as contradições semânticas do soneto (use a definição):

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;

É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder;
É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?
(Camões, *Lírica*)

Anomalia

Sentenças boas gramaticalmente, mas claramente incoerentes ou totalmente sem sentido, que não geram nenhum tipo de acarretamento, são chamadas, pelos linguistas, de anomalias:

- (27) a. A raiz quadrada da mesa da Mila bebe humanidade.
b. As não coloridas ideias verdes dormem furiosamente.
c. Rir é muito úmido.
d. O fato de que queijo é verde tropeçou inadvertidamente.
e. Minha escova é loira e alta.
f. Ser um teorema assusta consternação.

As noções de contradição e de anomalia, às vezes, se confundem. Porém, a estranheza ou incoerência de uma frase contraditória, como *O João é careca e cabeludo*, é que duas situações possíveis e não problemáticas, isoladamente, foram colocadas juntas. Se isolarmos as sentenças, é perfeitamente possível deduzir verdades das duas sentenças. Mas as sentenças em (27) são estranhas por outros motivos. Não há como gerar nenhum tipo de acarretamento, isto é, uma verdade necessária, a partir de uma sentença anômala. Podemos até imaginar uma maneira de interpretar as sentenças, usando inferências de natureza pragmática. Por exemplo, em (27e) eu poderia interpretar que a escova tem o formato de uma mulher, mas, certamente, essa interpretação não seria necessariamente verdadeira para todos. Normalmente, poetas usam, além da contradição, uma linguagem anômala para sugerir as mais diversas

interpretações aos leitores: a sentença (27b), famoso exemplo de Chomsky (1975), é a linha final de um poema de John Hollander.

Chomsky (1965) introduziu a noção de restrições seletivas para marcar tais sentenças comoagramaticais.⁴ Imaginemos que todo falante de português, ao adquirir o verbo *beber* como integrante de seu léxico, também adquira a informação lexical de que o seu complemento é alguma coisa bebível ou, de uma maneira mais geral, algo líquido; e que o seu sujeito designa alguma coisa que seja um bebedor ou, mais geralmente, um ente animado. A ideia é que o léxico fornece um mecanismo, assegurando que *beber* seleccione somente argumentos⁵ que satisfaçam essas condições. Na informação dada no léxico, *beber* deve estar marcado com os seguintes traços seletivos:

(28) beber: Y, [_{SN} [+animado]] _____ [_{SN} [+líquido]]

Em (28), entende-se que *beber* só deve ser inserido nos contextos sentenciais em que haja um sujeito animado precedente e um objeto líquido posposto. As especificações dos SNS (sintagmas nominais)⁶ são dadas a partir do núcleo do sintagma. Veja o exemplo:

(29) O menino bebeu a água.

Para que essa sentença seja gramatical, *menino* deve ser marcado com o traço [+animado] e *água*, com o traço [+líquido]. Realmente é o que ocorre. Entretanto, se você ouvir uma sentença como:

(30) ?O campo bebeu toda a água da chuva.⁷

você diria que uma sentença como (30) é anômala? Difícilmente alguém acharia a sentença incoerente, embora ela esteja violando uma das restrições seletivas dos itens lexicais aí envolvidos. Provavelmente todos interpretaríamos a sentença de um mesmo modo: atribuiríamos o traço [+animado] ao campo e, de uma maneira metafórica, interpretaríamos a sentença. A essa altura, fica fácil perceber que também as anomalias são graduais, ou seja, há sentenças com um grau menor de anomalia, como (30), facilmente transformáveis em sentenças aceitas semanticamente e interpretáveis de uma única maneira. Em outras sentenças, altamente anômalas, por mais que alteremos os traços seletivos, não conseguimos chegar a uma interpretação única, ou mesmo coerente. Acredito ser o caso das sentenças em (27). Nesse ponto, esbarramos de novo na divisão do que é do campo da semântica e do que é do campo da pragmática.

Por isso é necessário realçar que as restrições seletivas são somente uma primeira fonte de restrições, que não conseguem limitar todas as possíveis ocorrências anômalas

de uma sentença. Mesmo no caso em que não há transformações metafóricas, podem ocorrer outros tipos de problemas. Vejamos as restrições seletivas para o verbo *ler*:

(31) ler: Y, [_{SN} [+humano]] _____ [_{SN} [-abstrato]]

As informações em (31) poderiam gerar uma sentença como:

(32) *O analfabeto leu o carro.

Para restringirmos ao máximo as ocorrências com o verbo *ler*, teríamos que, praticamente, rescrever o sentido específico do verbo em suas restrições seletivas; ou seja, [-analfabeto] para o sujeito e [+legível] para o objeto, o que não traz nenhuma vantagem do ponto de vista de uma teoria. Por isso, vamos tomar as restrições seletivas de um item lexical apenas como um ponto de partida, uma estratégia mais geral que o falante adquira, juntamente com outras informações lexicais, para evitar as construções de sentenças anômalas, ou mesmo para construí-las intencionalmente.

Exercícios

- I. Considerados os exemplos em (27), explique, em termos de restrições seletivas, por que há anomalia.
- II. Identifique nas sentenças seguintes o que é anomalia ou contradição. Justifique sua resposta, usando as definições estudadas:
 - 1) O Pedro é bígamo, mas não é verdade que ele tenha duas mulheres.
 - 2) Falar pedras significa chorar quente.
 - 3) Imenso trabalho nos custou a flor.
 - 4) O Frederico é mais novo que o Henrique, mas o Frederico nasceu antes do Henrique.
 - 5) O coração pulverizado range sob o peso nervoso.
 - 6) Os olhos de vidro devoram os braços da musa sem braços.
 - 7) O cachorro manso bravo falou mais alto que o homem.
 - 8) Aquela mulher alta é muito pequena.
 - 9) A cadeira bebeu a esperança do menino.
 - 10) A cortina falou ao telefone.

Dêixis e anófora

A separação entre Semântica e Pragmática, como estamos vendo, não é feita sem problemas. Assumi, aqui, que a Semântica, ao contrário da Pragmática, estuda o significado da sentença fora do uso, sem inseri-la em um contexto. Embora essa distinção

seja útil, às vezes pode nos levar a enganar. Um exemplo desse fato pode ser ilustrado pela noção de *déixis*.⁸ Os elementos dêiticos permitem identificar pessoas, coisas, momentos e lugares a partir da situação da fala, ou seja, a partir do contexto. Podemos associar os elementos dêiticos, de uma maneira mais geral, aos pronomes demonstrativos, aos pronomes pessoais, aos tempos de verbos e aos advérbios de lugar e de tempo. São elementos cujas interpretações dependem de informações contextuais, embora exista um caráter sistemático para a interpretação desses elementos. Vejamos exemplos:

- (33) a. Este gato é muito bonito.
 b. Eu adoro chocolate.
 c. Aqui é o país da impunidade.
 d. Aquele ali, eu levo.

Temos em (33) expressões que só podemos entender se nos remetermos ao contexto de fala. Em (33a), o falante tem que apontar o gato no mundo para que o ouvinte encontre a que gato ele se refere; em (33b), o ouvinte tem que localizar o indivíduo que fala para saber a quem a palavra *eu* se refere; em (33c), o ouvinte tem que saber onde o falante está situado para identificar sobre qual país ele fala; em (33d), só o apontamento leva o ouvinte a identificar qual é o objeto a ser levado. Portanto, dependemos do contexto para encontrar os referentes desses elementos. Ou seja, a referência varia de acordo com a situação de fala. Entretanto, o sentido permanece o mesmo. É fácil perceber que o sentido das orações em (33) não varia. Se eu digo: “Este gato é muito bonito”, o sentido dessa sentença será o de existe um determinado animal, mamífero, felino, que tem como qualidade ser bonito, em qualquer contexto. O que vai variar é o referente do gato no mundo. Seguindo Ilari e Geraldini (1987), podemos entender que o sentido dos dêiticos é um certo “roteiro para encontrar referentes”. Por exemplo, a palavra *eu* tem por sentido um roteiro que consiste em identificar o falante; *aqui* tem por sentido um roteiro que consiste em identificar o lugar da fala; e assim por diante. Essa peculiaridade da interpretação dos dêiticos permite-nos, desde já, ilustrar a distinção existente entre *sentido* e *referência*, noções estas que serão estudadas mais à frente.

Véja que a contextualização envolvida no processo da *déixis* é bem distinta da envolvida no uso do conhecimento pragmático, para a interpretação de determinadas sentenças. Quando lidamos com o conhecimento pragmático para atribuírmos significado às sentenças, este varia de acordo com o contexto e, também, distancia-se muito do sentido semântico da própria sentença. Basta retomarmos a sentença *A porta está aberta*, exemplo (5) do capítulo “A investigação do significado”, para identificarmos os vários significados que ela adquire de acordo com o contexto usado, totalmente distintos do sentido literal da sentença.

Entretanto, essa posição não é unânime na literatura, e muitos autores assumem a *déixis* como uma propriedade pragmática, abrangendo não só a *déixis* de pessoa, de tempo

e de lugar, mas também a *déixis* de discurso e a *déixis* social. Segundo Benveniste (1976), a *déixis* é um fenômeno que demonstra a presença do homem na língua, colocando em discussão algumas visões que limitam o estudo da significação. É um fenômeno que tem como traço a distinção da linguagem humana das linguagens artificiais, tornando-a ágil e apropriada para o uso em situações correntes. Portanto, é importante se estudar a *déixis* também do ponto de vista pragmático, ampliando a compreensão de tal fenômeno.⁹

Continuando com a noção de referencialidade, vamos distinguir agora o fenômeno da anáfora do fenômeno da *déixis*. A anáfora também consiste em identificar objetos, pessoas, momentos, lugares e ações; entretanto, isso se dá por uma referência a outros objetos, pessoas etc., anteriormente mencionados no discurso ou na sentença:

- (34) a. Tem *uma mulher* aí fora. *Ela* quer vender livros.
 b. Avise *a Teresa* que saí, se *ela* ligar.
 c. *O técnico* insistiu que *ele* não achava nada errado no computador.

As expressões em itálico são entendidas como sendo correferenciais (têm a mesma referência no mundo); os itens sublinhados e itálicos funcionam como antecedentes, já os outros itens só em itálico são referencialmente dependentes dos antecedentes. Dizemos que as expressões são interpretadas anaforicamente, quando sua interpretação é derivada da expressão antecedente. Existem expressões que podem ser usadas ora como dêiticas (35a), ora como anaforicas (35b). Entretanto, existem algumas que só podem ser interpretadas anaforicamente (36); não existe maneira de apontá-las no mundo:

- (35) a. *Ela* já saiu. (*déixis*)
 b. *A Maria* estava na sala, mas *ela* já saiu. (anáfora)
 (36) a. *Maria* está orgulhosa de *si mesma*.
 b. **Si mesma* já saiu.

Na literatura linguística, usa-se a mesma letra (em geral, as letras *i, j, k*), colocadas abaixo do antecedente e do referente, para indicar a correferência entre as expressões:

- (37) a. Tem uma mulher_i aí fora. Ela_i quer vender livros.
 b. Avise a Teresa_j que saí_j, se ela_j ligar.
 c. O técnico_k insistiu que ele_k não achava nada de errado no computador.

Essas conexões referenciais podem ser mais complexas do que as apresentadas em (37). Vejamos alguns exemplos:

- (38) a. [Toda mulher]_i pensa que ela_i dará uma educação melhor ao [seu]_j filho do que [sua]_j mãe deu.
 b. [Nenhum homem]_i deveria [se]_j culpar pelos erros de [seus]_j filhos.

Expressões como *toda mulher* e *nenhum homem* não se referem, no sentido intuitivo, a uma determinada pessoa no mundo. Mesmo assim, dizemos que a relação dessas expressões com a anáfora é uma relação de correferência, pois podemos interpretar a expressão *toda mulher* como sendo “cada mulher pertencente ao conjunto das mulheres”; e também podemos interpretar a expressão *nenhum homem* como sendo “não é verdade que para cada homem pertencente ao conjunto dos homens”. Ainda podemos ter outros tipos de correferência:

- (39) [Quais candidatos]_i votarão [neles mesmos]_i?
 (40) A Gina_i falou para a Maria_j que elas_{i+1} saíssem.
 (41) O Carlos pescou [alguns peixes]_i e o Marcos os_j cozinhou.
 (42) Se o José_i vir a Maria_j, ele_i a_j desculpará.

Julgamento sobre possibilidades de correferência é um conhecimento linguístico que todo falante tem e é um dado fundamental para o estudo da Linguística. Existem casos em que os julgamentos são chamados de referências disjuntivas. De acordo com o julgamento dos falantes, as sentenças seguintes não podem ser interpretadas como sendo anaforicamente relacionadas:

- (43) a. *Si mesma_i é orgulhosa da Maria_i.
 b. *A Teresa_i encontrou_j saindo do cinema.
 c. *Ele_i insistiu que [o técnico]_j não achou nada.

As sentenças (43b) e (43c) só se tornam gramaticais se elas forem interpretadas sem a correferencialidade marcada; a sentença (43a) é sempre agramatical.

Restrições a esses tipos de ocorrência parecem ter sua origem na estrutura das sentenças, ou seja, na sintaxe. Chomsky (1981) propõe a existência de princípios sintáticos, denominados Princípios A, B e C, que restringem as possibilidades de correferências.¹⁰ Esses princípios explicariam a agramaticalidade das sentenças em (43).

Baseando-nos nesses princípios, de uma maneira bem geral, poderíamos dizer que a sentença em (43a) é agramatical devido ao Princípio A, que estabelece que a anáfora *si mesma* não pode ser o antecedente dentro da sentença em que ela está contida. A sentença em (43b) seria agramatical devido ao Princípio B: o pronome *a* não pode ter um antecedente em relação de correferência dentro da sentença em que ele está contido. A sentença em (43c) é agramatical devido ao Princípio C: a expressão referencial *o*

técnico não pode tomar nenhum antecedente em relação de correferência dentro da mesma sentença.

Exercícios

- Estabeleça todas as relações de correferência anaforica possíveis para que as sentenças sejam gramaticais, usando a notação de letras. Estabeleça também as relações dêiticas possíveis, usando uma letra sem correferência:
 - João acredita que poucas mulheres pensam que elas possam ser bem-sucedidas.
 - Eles conhecem poucos homens na cidade.
 - Ela pensa que Bárbara está doente.
 - A Bárbara ficará em casa, se ela ficar doente.
 - Nenhum homem trabalha eficientemente, quando ele está infeliz.
 - Nenhum dos parentes de Ana pensa que ele é pago adequadamente.
 - Aquele infeliz contou para o Paulo o que a Maria pensa dele.
 - Qualquer garota na classe pode pular mais alto que Maria, se ela quiser.
 - A mãe dela está orgulhosa da Maria.
 - Todo homem é orgulhoso de sua mãe.

Indicações bibliográficas

Em português: Pires de Oliveira (2001, cap. 2), Ileri e Geraldi (1987, caps. 4 e 5), Levinson (2007, cap. 2).
 Em inglês: Saeed (1997, cap. 3), Chierchia e McConnell-Ginet (1990, cap. 1), Cruse (1986, caps. 4, 9, 10, 11 e 12) e Hurford e Heasley (1983, caps. 2 e 3).

Notas

- Foco é usado para marcar o centro de interesse da sentença; a entonação pode ser usada para marcar o foco da sentença, como é o caso dos exemplos em (8) (Crystal, 1985).
- Usarei o símbolo # para indicar que existe uma contradição na sentença.
- Veja mais detalhes sobre o tema no capítulo. “Atos de fala e implicaturas conversacionais”.
- Agramatical é quando uma sentença não é considerada integrante da língua pelos falantes nativos dessa língua. Usa-se o símbolo * no início da sentença para marcá-la como agramatical (por exemplo: *Carro o comprado João).
- De uma forma simplificada, podemos dizer que argumentos são o sujeito e o(s) complemento(s) do verbo.
- Sintagma nominal (SN) é um grupo de palavras que ocorre, preferencialmente, na seguinte ordem no português: um determinante, um nome e um qualificador. Somente o nome, o núcleo, tem a obrigatoriedade de estar presente, sendo as outras classes de palavras opcionais.
- Quando não se tem certeza sobre a gramaticalidade da sentença, esta é marcada, em seu início, com o símbolo da interrogação. Quanto maior a estranheza da sentença, mais interrogações são colocadas.
- O termo *dêixis* vem do grego e significa o ato de mostrar, apontar.
- Remeto o leitor ao livro de Levinson (2007), em que o autor faz uma exposição bastante clara e convincente sobre a dêixis do ponto de vista da Pragmática.
- Como não é o objetivo deste livro tratar de assuntos sintáticos, remeto o leitor a livros que tratam de introdução à Sintaxe Gerativa, tais como Miotto et al. (2007), Raposo (1995), entre outros.